

Financiamento do déficit externo ficou mais difícil

Uma das principais preocupações dos economistas, agora, é com o financiamento do déficit externo brasileiro. A balança comercial terá um resultado melhor que o estimado inicialmente porque o ritmo menor de atividade deve provocar queda das importações e crescimento das exportações. Por outro lado, pode ficar mais difícil captar recursos no exterior.

As primeiras reavaliações sobre o resultado da balança comercial para o próximo ano chegam a apontar um déficit inferior ao deste ano. A LCA Consultores, em avaliação classificada como muito preliminar, aponta para saldo negativo de US\$ 7,5 bilhões a US\$ 8,5 bilhões no acumulado do ano. Menos otimista, o Banco Santander reviu a projeção para US\$ 10,5 bilhões. Antes, o saldo projetado pela LCA era de US\$ 13,3 bilhões.

“A crise das bolsas confirmou que o País estava em uma posição arriscada”, diz Paulo Nogueira Batista Júnior, da Fundação Getúlio Vargas. “O Banco Central não teria elevado os juros de forma tão drástica se não tivesse ocorrido uma sangria tão rápida de recursos.” Essa crise, afirma, “complicou a travessia” que o governo programava até 1999 (quando as reformas deveriam ser aprovadas).

Fragilidade — Nesse período, a venda de estatais e os bons ventos externos continuariam a mandar recursos para o Brasil, na perspectiva oficial. Os ventos mudaram e a real situação de fragilidade brasileira apareceu, na avaliação de Batista Júnior.

“Até outubro, o déficit externo de 5,3% do Produto Interno Bruto (PIB) era sustentável”, observa Roberto Padovani, da Trend Consultores Associados. “Agora, há menos disposição de financiar o déficit e um quadro de enxugamento de liquidez no mundo que só piora a situação”, diz. Ele não descarta a hipótese de reversão do fluxo de capital externo — que até outubro era positivo para o País.

Preocupação — Para 98, calcula Padovani, o Brasil precisaria receber cerca de US\$ 63 bilhões do exterior, entre investimento direto, empréstimos comerciais e empréstimos em moeda (captações com títulos e bônus). “É uma necessidade preocupante.”

Carlos Guzzo, do Banco Pontual, tem a mesma preocupação e afirma que um primeiro período crítico será sentido em novembro e dezembro, quando vencem US\$ 4 bilhões em eurobônus. A renovação desses papéis é muito difícil e o pagamento desses compromissos deve provocar perda de reservas.

Parte da pressão por dólares da sexta-feira passada foi provocado pelo vencimento de US\$ 470 milhões em eurobônus hoje, explica. “O programa de privatização é um passaporte, mas não garante imunidade ao País.” (D.N.)